Areté
Revista Amazônica de Ensino de Ciências

.

(DIS)(U)TOPIA EDUCACIONAL NA DISCUSSÃO DA EMERGÊNCIA CLIMÁTICA: UMA ABORDAGEM FREIRIANA PARA JUSTIÇA CLIMÁTICA

(DYS)(U)TOPIA EDUCATIONAL IN THE DISCUSSION OF THE CLIMATE EMERGENCY: A FREIREAN APPROACH TO CLIMATE JUSTICE

(DIS)(U)TOPÍA EDUCACIONAL EN LA DISCUSIÓN DE LA EMERGENCIA CLIMÁTICA: UN ENFOQUE FREIREANO PARA LA JUSTICIA CLIMÁTICA

Leonardo Zaklikevis Franco*

Manuela Dreyer da Silva**

RESUMO

Este artigo discute a educação no contexto da emergência climática a partir dos conceitos de utopia e distopia, compreendendo a crise atual como uma distopia socioecológica já vivida, marcada por desigualdades e injustiças socioambientais. Com base na pedagogia crítica freiriana, entende-se que a distopia não é apenas uma projeção do futuro, mas algo que se manifesta no presente, nas diferentes formas de vulnerabilidade social, degradação ambiental e marca o ponto de partida para a práxis transformadora. Nesse cenário, a educação pode tanto reforçar essa realidade quando se limita a práticas descontextualizadas, pragmáticas e pouco críticas, quanto se tornar um espaço de questionamento e transformação. A utopia, em Paulo Freire, que surge da distopia, é ação construída coletivamente, na tensão entre reconhecer as opressões e imaginar possibilidades concretas de mudança, buscando no inédito-viável caminhos possíveis de transformação, baseados na ação crítica e coletiva. O artigo se apoia em uma revisão narrativa da literatura recente, com análise de 8 artigos que buscam aproximar os conceitos e discussões sobre distopia, utopia e educação crítica freiriana à justiça climática. Como resultado, destaca-se o potencial da educação, quando orientada pela perspectiva da pedagogia crítica freiriana, para fortalecer a consciência, a ação coletiva e a construção de alternativas pois oferece um arcabouço teórico potente para mobilizar a esperança crítica e a ação transformadora diante da crise climática.

Palavras-chave: Distopia. Utopia. Educação ambiental crítica. Inédito-viável. Mudança do clima.

ABSTRACT

This article discusses education in the context of climate emergency through the concepts of utopia and dystopia, understanding the current crisis as an already experienced socioecological dystopia, marked by inequalities and socio-environmental injustices. Based on Freirean critical pedagogy, dystopia is

* Pedagogo pelo Centro Universitário de Tecnologia de Curitiba (UNIFATEC-PR). Discente do curso de graduação de Engenharia Ambiental e Sanitária da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Pontal do Paraná, Paraná, Brasil. Email: leonardozaklikevisk@gmail.com

** Doutora em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Docente da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Pontal do Paraná, Paraná, Brasil. Email: manuela.dreyer@ufpr.br

understood not merely as a projection of the future, but as something that manifests in the present through different forms of social vulnerability and environmental degradation, serving as the starting point for transformative praxis. In this scenario, education can either reinforce this reality when it is limited to decontextualized, pragmatic, and weakly critical practices, or become a space for questioning and transformation. Utopia, in Paulo Freire's perspective, emerges from dystopia as a collectively constructed action, situated in the tension between recognizing oppression and imagining concrete possibilities for change, seeking in the untested feasible possible paths for transformation grounded in critical and collective action. The article is based on a narrative review of recent literature, analyzing eight articles that aim to connect discussions on dystopia, utopia, and Freirean critical education with climate justice. As a result, the study highlights the potential of education, when guided by freirean critical pedagogy, to strengthen awareness, collective action, and the construction of alternatives, as it provides a powerful theoretical framework to mobilize critical hope and transformative action in the face of the climate crisis.

Keywords: Dystopia. Utopia. Critical environmental education. Untested feasible. Climate change.

RESUMEN

El Este artículo discute la educación en el contexto de la emergencia climática a partir de los conceptos de utopía y distopía, comprendiendo la crisis actual como una distopía socio ecológica ya vivida, marcada por desigualdades e injusticias socioambientales. Basado en la pedagogía crítica freiriana, se entiende que la distopía no es solo una proyección del futuro, sino algo que se manifiesta en el presente, en las diferentes formas de vulnerabilidad social y degradación ambiental, y que marca el punto de partida para la praxis transformadora. En este escenario, la educación puede tanto reforzar esta realidad cuando se limita a prácticas descontextualizadas, pragmáticas y poco críticas, como convertirse en un espacio de cuestionamiento y transformación. La utopía, en Paulo Freire, que surge de la distopía, es una acción construida colectivamente, en la tensión entre reconocer las opresiones e imaginar posibilidades concretas de cambio, buscando en lo inédito viables caminos posibles de transformación, basados en la acción crítica y colectiva. El artículo se apoya en una revisión narrativa de la literatura reciente, con el análisis de 8 artículos que buscan aproximar los conceptos y debates sobre distopía, utopía y educación crítica freiriana a la justicia climática. Como resultado, se destaca el potencial de la educación, cuando está orientada por la perspectiva de la pedagogía crítica freiriana, para fortalecer la conciencia, la acción colectiva y la construcción de alternativas, ya que ofrece un sólido marco teórico para movilizar la esperanza crítica y la acción transformadora frente a la crisis climática.

Palabras clave: Distopía. Utopía. Educación ambiental crítica. Inédito viable. Cambio climático.

1 INTRODUÇÃO: A EMERGÊNCIA CLIMÁTICA COMO DISTOPIA VIVIDA

A emergência climática configura-se como uma problemática complexa que se materializa como uma distopia socioecológica vivida (Rodrigues, 2024), produzida historicamente por relações de opressão, exploração e desumanização. O sexto relatório de avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas evidencia o aumento da temperatura global, a elevação do nível do mar, a perda acelerada de biodiversidade e profundos desequilíbrios ecossistêmicos (IPCC, 2023). Quando estes dados são lidos sob a ótica da

reprodução e aprofundamento das desigualdades estruturais, especialmente em regiões costeiras e no Sul Global, diferentes trabalhos articulam as heranças coloniais e capitalistas de dominação aos efeitos da mudança no clima (Fassbinder, 2020; Fortunato *et al*., 2022). Essa é uma crise, portanto, que não se distribui de forma homogênea no espaço e no tempo, mas incide de maneira desigual sobre territórios e populações socialmente vulnerabilizadas (Costa, Demiranda e Olinto, 2025).

Análises recentes sobre essas complexidades socioambientais do Sul Global demonstram que as vulnerabilidades climáticas são resultado direto de processos históricos de exploração e opressão perpetrados pelo Norte Global, incidindo de forma desproporcional sobre populações indígenas, quilombolas, pescadores artesanais e periferias urbanas (Fortunato *et al*., 2022). Essa condição tem sido caracterizada como injustiça climática estrutural, na qual a distopia climática emerge não como fenômeno natural, mas como produto de relações sociais desiguais. Sob essa ótica, a educação crítica assume papel central ao desvelar tais estruturas e ao confrontar as condições que negam a vocação humana de "ser mais".

A educação inserida nesse contexto é, portanto, intrinsecamente posicionada. Frequentemente, práticas pedagógicas contemporâneas reforçam dicotomias hierarquizantes, tais como como cultura × natureza, urbano × rural e indivíduo × sociedade, as quais sustentam uma educação positivista e descontextualizada. Tais práticas tendem a reafirmar um "fazer-mundo" ancorado no otimismo capitalista, no culto acrítico à ciência e na não problematização das mudanças do clima, contribuindo para a reprodução de conflitos e injustiças socioambientais (Slevin *et al*., 2020).

No campo da educação ambiental propriamente, observa-se que tais abordagens hegemônicas têm sido amplamente criticadas por reproduzirem lógicas neoliberais que individualizam a responsabilidade climática, privilegiam soluções tecnocráticas e despolitizam questões estruturais de justiça socioambiental (Serantes-Pazos e Sorrentino, 2022). Tais práticas pedagógicas, ao enfatizarem mudanças comportamentais individuais e métricas de desempenho ambiental, obscurecem as raízes coloniais, capitalistas e patriarcais da crise climática, perpetuando assimetrias entre o Norte e o Sul Global e silenciando as desigualdades que determinam vulnerabilidades diferenciadas diante da emergência climática (Fortunato *et al*., 2022).

Essa educação ambiental instrumental, desvinculada de análises críticas sobre poder,

território e injustiça, tende a reproduzir, em vez de confrontar, os sistemas de dominação que agravam a crise ecológica contemporânea (Brianezi e Tate, 2025; Mejía-Cáceres e Rieckmann, 2023).

Em contraposição, a perspectiva freiriana reemerge como práxis emancipatória e reafirma que não há utopia verdadeira dissociada da tensão entre a denúncia de um presente intolerável e o anúncio de um futuro a ser construído política, estética e eticamente por sujeitos históricos concretos (Freire, 1997), baseado no reconhecimento de epistemologias pluriversais.

A análise distópica, contudo, não se esgota no reconhecimento da opressão. Na perspectiva freiriana, ela constitui ponto de partida para a práxis transformadora, na qual o desvelamento da realidade articula-se dialeticamente com a sua transformação (Freire, 1981). É nesse movimento que emergem os conceitos de utopia e de inédito-viável, compreendidos não como abstrações idealistas, mas como horizontes históricos concretos que orientam a ação educativa emancipatória. No campo da educação frente à emergência climática, distopia e utopia não se configuram como polos opostos, mas como dimensões interdependentes: a utopia surge da distopia, e os processos educativos tornam-se ferramentas fundamentais para a construção de alternativas baseadas em justiça socioambiental.

Diante desse cenário, o presente estudo orienta-se pela seguinte questão de pesquisa: de que maneira a pedagogia crítica freiriana, ao articular os conceitos de (dis)(u)topia e inédito-viável, pode fundamentar práticas educativas emancipatórias capazes de confrontar os efeitos distópicos da emergência climática e de construir alternativas orientadas pela justiça climática? Nesse sentido, o objetivo deste artigo consiste em analisar como esses conceitos freirianos têm sido mobilizados na literatura acadêmica recente e nos debates sobre educação climática, visando identificar elementos teórico-práticos que contribuam para uma educação crítica e disruptiva no contexto da crise climática contemporânea.

2 DISTOPIA, UTOPIA E INÉDITO-VIÁVEL EM PAULO FREIRE

Este trabalho articula os conceitos de distopia, utopia e inédito-viável a partir da pedagogia crítica de Paulo Freire, compreendendo-os como categorias analíticas e políticas possíveis para a interpretação e o enfrentamento da emergência climática. Embora esses termos não apareçam de forma sistematizada como um tripé conceitual na obra freiriana, eles

emergem de maneira articulada na análise das situações de opressão, na projeção de horizontes transformadores e na construção de possibilidades concretas.

Embora Paulo Freire não tenha utilizado explicitamente o termo "distopia" em suas obras centrais, sua pedagogia está ancorada em uma análise rigorosa de realidades marcadas pela opressão, pela desumanização e pelas chamadas "situações-limites", que podem ser compreendidas como expressões concretas de vivências distópicas impostas a populações historicamente marginalizadas. A Pedagogia do Oprimido (Freire, 1983) fundamenta-se no desvelamento das estruturas sociais, políticas e econômicas que produzem e mantêm condições desumanas de existência.

No contexto da emergência climática, a análise distópica revela processos de destruição socioecológica que ameaçam não apenas os ecossistemas, mas a própria possibilidade de vida digna para populações vulneráveis, conforme argumenta Fassbinder (2020). A distopia climática, nessa perspectiva, não se projeta como um futuro hipotético, mas se manifesta como realidade concreta no presente, materializando-se em desastres, deslocamentos forçados, colapsos de sistemas de subsistência e aprofundamento de injustiças históricas. Essa compreensão da distopia como condição vivida dialoga diretamente com as práticas pedagógicas desenvolvidas frente à emergência climática.

A educação, entendida como conceito complexo e polissêmico, constitui-se a partir de múltiplos atores, processos formativos e territórios, configurando-se como polifonia de vozes, práticas e dimensões que refletem disputas de sentido, projetos de sociedade e formas distintas de relação com a natureza e com o território (Moreira, 2020). Neste sentido, a distopia educacional manifesta-se quando práticas pedagógicas se desvinculam dessas realidades territorializadas, reproduzindo abstrações descontextualizadas e silenciando conflitos socioambientais concretos que atravessam a vida cotidiana de comunidades afetadas pela crise climática.

Em contraposição à leitura da distopia como paralisia ou fatalismo, a pedagogia freiriana afirma a utopia como horizonte histórico transformador. A utopia, em Freire, não se configura como idealismo ingênuo ou escapismo, mas como projeto concreto que emerge da análise crítica da realidade opressora. Na Pedagogia da Esperança, Freire (1997) define a utopia como uma tensão permanente entre a denúncia do intolerável e o anúncio do possível, a ser construído por meio da ação coletiva transformadora.

Jandrić e McLaren (2020), ao refletirem sobre a utopia crítica, propõem a reinvenção do conceito de utopia freiriana diante das crises planetárias contemporâneas. Para os autores, a utopia não deve ser descartada como irrelevante frente à gravidade da crise climática, mas reconfigurada como projeto crítico e prático capaz de estimular a imaginação coletiva e o sonho transformador. Nessa leitura, a utopia freiriana equilibra o reconhecimento da profundidade da crise com a manutenção da capacidade de ação, recusando tanto o otimismo ingênuo quanto a desesperança paralisante.

Fassbinder (2020) aprofunda essa discussão ao propor o ensino do "sonhar utópico" como prática pedagógica central para a educação na crise. No contexto da crise climática, ensinar a sonhar utopicamente implica problematizar as raízes sistêmicas da crise, imaginar relações socioecológicas alternativas que superem dicotomias opressoras e desenvolver capacidades de ação coletiva transformadora baseadas em justiça e equidade.

Salinas *et al*. (2023), ao dialogarem com a integração curricular no ensino de ciências frente à crise climática, mobilizam o conceito de esperança freiriana como matriz para práticas pedagógicas emancipatórias. Os autores destacam que a esperança não se confunde com otimismo passivo, mas se constitui como "esperança crítica", capaz de reconhecer a gravidade da crise climática sem gerar paralisia, impulsionar ações transformadoras fundamentadas em análises rigorosas das possibilidades reais e sustentar processos de mobilização comunitária e solidariedade a longo prazo.

A utopia, assim, surge da distopia, e os processos educativos tornam-se ferramentas fundamentais para a construção de alternativas viáveis orientadas pela justiça socioambiental. O conceito de inédito-viável emerge na obra freiriana como síntese dialética entre a análise distópica da realidade e o projeto utópico de transformação. Freire (1983) desenvolve esse conceito ao discutir a maneira como os sujeitos históricos percebem as "situações-limites", compreendidas não como determinações inexoráveis, mas como obstáculos historicamente construídos que podem ser superados por meio de ações transformadoras conscientes e coletivas.

O inédito-viável refere-se àquilo que ainda não existe plenamente, mas que é historicamente possível e viável. Trata-se de alternativas que podem ser construídas quando os sujeitos superam percepções fatalistas da realidade e se reconhecem como agentes históricos capazes de transformação. No contexto da emergência climática, o inédito-viável representa

caminhos socioecológicos que, embora não estejam dados no presente, podem ser construídos por meio de uma práxis educativa emancipatória enraizada nos territórios e nas experiências vividas.

Slevin *et al*. (2020), ao analisarem lições da pedagogia freiriana para a transformação socioecológica, argumentam que o inédito-viável, no contexto climático, envolve transições justas para economias de baixo carbono que não reproduzam opressões, soberania alimentar baseada na agroecologia e nos conhecimentos tradicionais, democracia energética com controle comunitário sobre os recursos e a construção de territórios resilientes sustentados por saberes locais e práticas de solidariedade.

Vally (2020) reforça que o inédito-viável não se configura como uma receita pronta ou modelo universal, mas como uma construção situada que emerge do diálogo entre saberes populares, conhecimentos científicos e análise crítica das estruturas de poder. Ao reconhecer a realidade opressora e, simultaneamente, projetar possibilidades concretas de transformação, a pedagogia freiriana oferece fundamentos teóricos e políticos para uma educação comprometida com a justiça climática e socioambiental.

3 METODOLOGIA: REVISÃO NARRATIVA COMO CAMINHO INICIAL PARA ALGUMAS COMPREENSÕES POSSÍVEIS

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo exploratório e descritivo, fundamentado em revisão narrativa da literatura com foco nos conceitos freirianos de utopia, distopia e inédito-viável e suas articulações com a emergência climática no campo educacional.

A busca bibliográfica foi conduzida em dezembro de 2025 nas bases de dados Web of Science e Scopus, selecionadas por sua abrangência e rigor na indexação de periódicos científicos internacionais. Foram elaboradas combinações booleanas entre os termos: "Paulo Freire", "pedagogia freiriana"; "mudança climática", "emergência climática", combinadas com "utopia", "distopia"; e "pedagogia crítica".

Como critérios de inclusão, adotou-se o período temporal de 2016 a 2025, intervalo que captura a intensificação dos discursos acadêmicos sobre emergência climática, particularmente após o Acordo de Paris (2015) e os relatórios do IPCC (2018, 2021 e 2023). Foram incluídos artigos publicados nos idiomas inglês, português e espanhol, revisados por

pares, disponíveis em periódicos indexados nas bases selecionadas. Excluíram-se resumos de conferências, capítulos de livros e literatura cinzenta, priorizando-se a produção científica submetida a avaliação por pares.

A estratégia de busca resultou na identificação de 42 artigos. Após leitura dos títulos e resumos, foram selecionados 8 manuscritos considerados pertinentes aos objetivos deste trabalho, ou seja, aqueles que articulavam explicitamente os conceitos freirianos investigados com a temática da emergência climática e práticas educativas, com relação aos conceitos de utopia e distopia. Os artigos selecionados foram submetidos à leitura integral e análise interpretativa, buscando-se identificar: (1) as formas de mobilização dos conceitos de utopia, distopia e inédito-viável; e (2) as conexões estabelecidas entre pedagogia crítica freiriana e educação climática.

Reconhece-se como limitação deste estudo o caráter restrito da amostra final e a abordagem narrativa, que não contempla a sistematização exaustiva característica de revisões sistemáticas. Estudos futuros poderão ampliar o escopo da investigação mediante a inclusão de outras bases de dados, a incorporação de literatura não indexada (teses, dissertações, documentos de movimentos sociais) e a adoção de protocolos de revisão sistemática que permitam maior replicabilidade e abrangência. Não obstante essas limitações, a presente análise oferece subsídios teóricos significativos para a compreensão de como a pedagogia crítica freiriana pode fundamentar práticas educativas disruptivas e emancipatórias diante da emergência climática, contribuindo para o debate acadêmico sobre educação e justiça climática.

4 ANÁLISE E RESULTADOS

No artigo intitulado Espousing hope or entrenching gloom? A critical discourse analysis of Oxfam's global inequality reports through the lens of Freire's pedagogy of hope, Benedict Arko (2025) apresenta uma análise temporal dos últimos dez relatórios anuais globais de desigualdade elaborados pela Oxfam (2016-2025), sob a lente interpretativa da obra Pedagogia da Esperança de Paulo Freire (1994), que emprega o teor utópico de transformação social. Entre os resultados, o autor identifica que os primeiros relatórios apresentavam um discurso que reconhecia o empirismo distópico, narrando a crise com caráter predominantemente

indignativo; em contrapartida, os relatórios mais recentes passaram a descrever as desigualdades como violência econômica estrutural, com a intencionalidade de mobilizar alternativas sistêmicas e inéditos-viáveis. O artigo reafirma como a estratégia de comunicação e a linguagem adotada nos relatórios da Oxfam influenciam a compreensão da população sobre a realidade e suas percepções, moldando, consequentemente, sua capacidade de agir. Tais estratégias discursivas vinculam-se às (dis)(u)topias educacionais, uma vez que não apenas conscientizam sobre o problema, mas buscam estratégias coletivas, significativas e subversivas de enfrentamento das desigualdades em tempos de mudanças climáticas.

O trabalho de Whiting *et al*. (2018), por sua vez, consiste em explorar a solidez filosófica da ecopedagogia e oferece ferramentas conceituais e práticas para o enfrentamento de problemas ambientais, como as mudanças climáticas e a degradação ambiental, à luz das obras de Paulo Freire. Os autores reforçam que a educação, por si só, não vem resultando necessariamente para o progresso do desenvolvimento sustentável, uma vez que esse processo frequentemente reforça normas e comportamentos sociais hegemônicos em vez de questioná-los criticamente. Um marco contemporâneo na educação consiste em assumir seu papel na construção de uma sociedade justa, reconhecendo a pedagogia utópica freiriana como instrumento de desconstrução de sistemas opressivos, fundamentada na ação reflexiva voltada à transformação da realidade e capaz de promover mudanças tanto individuais quanto coletivas. O artigo propõe a abordagem ecopedagógica crítica como capaz de promover transformações significativas ao abordar injustiças socioambientais sistematicamente ignoradas nos currículos tradicionais. Conclui questionando se os educadores de fato valorizam aprendizagens progressistas e transformadoras, com ancoragem não reativa diante da realidade distópica, mas proativa e utópica, orientada à transformação positiva.

Su-Ming Khoo (2024) dialoga sobre o silenciamento da educação e na educação, principalmente no contexto universitário, frente a questões críticas contemporâneas como a reestruturação neoliberal, a questão palestina e a crise climática. A autora recorre às pedagogias da opressão, da liberdade e da esperança de Paulo Freire a fim de se opor ao mecanismo emergente da inação silenciada. Khoo retrata o silêncio, o silenciamento e a ausência frente às problemáticas vividas e sentidas como resultado, sintoma e causa raiz da opressão e da injustiça, fundamentando-se na sociologia das ignorâncias sobre a exploração, as injustiças e violências epistêmicas, bem como na incapacidade de resistência no campo educacional para

lidar com essas adversidades. As abordagens educacionais atuais, segundo a autora, tornam-se vazias ao não incorporarem o pensamento e a ação crítica, discursando sob a perspectiva de que se vive a desesperança sem consciência plena da realidade, descentralizando e marginalizando o papel da educação como práxis crítica que conduz da reflexão à ação. Este trabalho reforça a necessidade urgente de resgate da utopia freiriana diante da distopia vivida.

Já o artigo de Fields *et al*. (2022), com foco no ensino nos cursos de enfermagem, reverbera a necessidade de uma abordagem pedagógica crítica freiriana, especialmente no que concerne à educação sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), no contexto de eventos globais significativos dos últimos anos, como a pandemia de Covid-19, as mudanças climáticas e o racismo sistêmico. Neste trabalho, os autores retratam a necessidade de mudança no ensino superior de enfermagem para abordar e dialogar criticamente com as realidades vividas e experienciadas dos eventos globais extremos, identificando a oportunidade de adaptação dos currículos em direção à criticidade, uma vez que as abordagens tradicionais de manutenção do status quo não promovem a transformação necessária ao enfrentamento dos desafios globais contemporâneos. Logo, o artigo reconhece a distopia atual e provoca docentes do ensino superior de enfermagem a, de fato, buscar, por meio de inéditos-viáveis, a práxis utópica e, assim, esperançar através da crítica às estruturas de poder e às injustiças sociais vigentes, promovendo a mobilização necessária para a transformação da realidade.

Morales-Doyle (2023) contribui com sua pesquisa na análise do ensino de ciências e corrobora com a ideia da realidade distópica ao evidenciar fatores e problemáticas socioambientais vivenciadas, bem como políticas educacionais nos Estados Unidos que promovem campanhas para banir livros, proibir o ensino sobre racismo e manter ou reinscrever diversas formas de apagamento curricular. O autor sustenta, contudo, que os educadores em ciências devem se apropriar da pedagogia crítica freiriana para fundamentar suas práticas pedagógicas e promover a integração curricular antirracista e antiopressiva que enfrente a crise climática. Logo, oferece na utopia freiriana oportunidades de inéditos-viáveis por meio do conhecimento aprofundado do contexto e da realidade dos educandos, promovendo o trabalho pedagógico a partir de temas geradores que emergem das necessidades sociais e comunitárias, abordados de maneira transdisciplinar para a construção de consciência crítica orientada à justiça social.

Em Moll *et al*. (2021), há reflexão a partir do conceito de cidade educadora,

compreendida como direito que articula necessidades individuais e coletivas na construção social que garanta o bem-viver e a dignidade socioambiental, com respeito aos múltiplos tempos de vida. Os autores reconhecem ser possível a construção de novas formas de organização do mundo para superar ou enfrentar as desigualdades estruturais e os preconceitos atuais a partir do acordo coletivo e da participação democrática. Tal construção do futuro ancora-se no ideário freiriano do presente transformado, compreendendo a finitude e a superabilidade da distopia contemporânea.

Já Papastephanou (2016) emprega o conceito de distopia não como antiutopia, mas como pertencente à utopia, pois, segundo a autora, a distopia freiriana refere-se ao "não lugar" e à revogação de um mundo intolerável, sendo complementar à utopia e auxiliando na sondagem crítica da sociedade, criando espaços para que as ações transformadoras ocorram. A distopia é concebida como a denúncia dos problemas, a evidenciação e o anúncio daquilo que necessita ser alterado. A utopia, por sua vez, caracteriza-se como o impulso de busca por uma situação alternativa desejável do mundo, um projeto viável na práxis, impulsionado pelo ímpeto ético de superar a distopia. Papastephanou reafirma o espaço utópico da pedagogia crítica freiriana no papel de educadores e educandos na busca coletiva de alternativas orientadas por seus desejos ético-políticos e pela curiosidade insaciável e esperançosa como "pessoas sociais, históricas, pensantes, comunicantes, transformadoras, criativas; sonhadoras de utopias possíveis".

O trabalho de Fernandes e Trindade (2023), por sua vez, analisa e entrelaça o conceito do inédito-viável de Paulo Freire com a experiência do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Os autores contextualizam o inédito-viável como o exercício teórico e prático, a capacidade de transformar a realidade quando confrontada com situações-limite, partindo da reflexão crítica e da ação revolucionária. Buscando novas possibilidades concretas para uma educação emancipatória sob a perspectiva de utopias concretas, o trabalho traz como estudo de caso a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), criada no e pelo MST. Remontam à intencionalidade da escola, que, em seu Projeto Político-Pedagógico, busca como objetivo a formação político-ideológica capaz de realizar a transformação social, promovendo a consciência política da realidade vivida, a compreensão das lutas de classe e das questões históricas e atuais de suas realidades opressivas. O trabalho conclui que o projeto educativo do MST está enraizado em uma luta específica e que produz novas realidades e perspectivas para seus protagonistas, como a possibilidade concreta de conquistar um pedaço de terra. Logo, a

visão utópica, a utopia crítica freiriana, permite o estabelecimento de cenários e estratégias para transformar a realidade e a concretização do inédito-viável coletivo de seus sujeitos históricos.

A análise dos manuscritos selecionados revela diferentes formas de mobilização dos conceitos freirianos de utopia, distopia e inédito-viável no contexto da emergência climática e das práticas educativas. A distopia é predominantemente mobilizada como categoria de denúncia da realidade presente, não como projeção futurista, mas como condição concreta e vivida de destruição socioecológica, desigualdades estruturais e silenciamentos epistêmicos (Arko, 2025; Khoo, 2024; Morales-Doyle, 2023). Em Papastephanou (2016), a distopia é conceitualizada não como antiutopia, mas como complementar à utopia, constituindo-se como o "não lugar" que evidencia aquilo que necessita ser transformado, funcionando como dispositivo crítico de sondagem da sociedade.

A utopia, por sua vez, é mobilizada como impulso ético-político de transformação, fundamentado na práxis coletiva e na esperança ativa (Whiting *et al*., 2018; Papastephanou, 2016). Diferentemente de uma utopia abstrata ou idealista, os trabalhos analisados enfatizam a utopia freiriana como projeto viável, ancorado na leitura crítica da realidade e na ação transformadora. Essa utopia crítica se materializa em propostas pedagógicas que valorizam o diálogo, a conscientização e a construção coletiva de alternativas (Moll *et al*., 2021; Fernandes e Trindade, 2023).

O conceito de inédito-viável emerge como categoria central que articula a tensão dialética entre distopia e utopia, representando as possibilidades concretas de superação de situações-limite por meio da práxis reflexiva e revolucionária (Fernandes e Trindade, 2023). O inédito-viável é mobilizado como horizonte de transformação que se constrói a partir da consciência crítica das contradições do presente e da ação coletiva orientada à justiça socioambiental (Arko, 2025; Fields *et al*., 2022; Morales-Doyle, 2023).

Os manuscritos analisados estabelecem importante conexões entre a pedagogia crítica freiriana e a educação climática, situando a crise climática como questão fundamentalmente política, ética e pedagógica, e não meramente técnica ou científica. Whiting *et al*. (2018) argumentam que a ecopedagogia, fundamentada em Freire, constitui-se como filosofia de aprendizagem orientada à justiça social, à humanização e à transição justa, superando abordagens comportamentalistas e despolitizadas. A educação climática, nessa perspectiva, não pode se limitar à transmissão de conhecimentos científicos sobre o aquecimento global,

mas deve promover a conscientização sobre as raízes estruturais da crise e sobre as desigualdades nas vulnerabilidades e responsabilidades climáticas.

Morales-Doyle (2023) e Fields *et al*. (2022) demonstram como a pedagogia crítica freiriana pode fundamentar currículos antirracistas e antiopressivos que abordem a emergência climática de forma integrada com questões de justiça social, saúde coletiva e direitos humanos. A proposta de trabalho com temas geradores, emergentes das realidades e necessidades das comunidades, permite que a educação climática se territorialize, dialogando com os conflitos socioambientais concretos vivenciados pelos educandos (Morales-Doyle, 2023).

Khoo (2024) evidencia como o silenciamento da crise climática nas instituições educacionais, especialmente nas universidades, constitui uma forma de violência epistêmica e de reprodução da opressão. A pedagogia crítica freiriana, nesse contexto, oferece ferramentas conceituais e metodológicas para romper com a inação silenciada, promovendo a educação como práxis transformadora que conduz da reflexão crítica à ação coletiva.

A análise dos manuscritos permitiu, deste modo, identificar importantes aspectos teórico-práticos na literatura sobre educação e justiça climática fundamentada na pedagogia crítica freiriana.

5 CONSIDERAÇÕES

Os trabalhos analisados identificam elementos teórico-práticos fundamentais para a construção de propostas educativas emancipatórias frente à emergência climática. Primeiramente, destaca-se a centralidade do diálogo e da problematização da realidade como pontos de partida para a conscientização crítica (Whiting *et al*., 2018; Papastephanou, 2016). A educação emancipatória requer o abandono de modelos bancários e a adoção de práticas dialógicas que reconheçam os educandos como sujeitos históricos, portadores de saberes e experiências que devem ser valorizados e problematizados.

Em segundo lugar, emerge a territorialização da educação como elemento fundamental (Moll *et al*., 2021; Fernandes e Trindade, 2023). A experiência do MST, analisada por Fernandes e Trindade (2023), demonstra como a educação enraizada em lutas concretas e territorializadas pode produzir inéditos-viáveis, transformando realidades e construindo alternativas ao modelo hegemônico. A cidade educadora, discutida por Moll *et al*. (2021), aponta para a necessidade de

articulação entre necessidades individuais e coletivas na construção de territórios educativos que garantam dignidade socioambiental.

Terceiro, a integração curricular crítica é apontada como estratégia fundamental para superar a fragmentação disciplinar e abordar a crise climática em sua complexidade (Fields *et al*., 2022; Morales-Doyle, 2023). Tal integração deve incorporar perspectivas antirracistas, anticoloniais e de gênero, reconhecendo as interseccionalidades das opressões e das vulnerabilidades climáticas.

Quarto, a esperança crítica emerge como elemento pedagógico fundamental, diferenciando-se da esperança ingênua ou do otimismo acrítico (Arko, 2025; Whiting *et al*., 2018). A esperança freiriana ancora-se na leitura crítica da realidade distópica e na construção coletiva de alternativas viáveis, constituindo-se como força mobilizadora da práxis transformadora.

Como lacuna identifica-se pouca articulação entre a pedagogia crítica freiriana (por meio da distopia, utopia e inédito-viável) e as epistemologias indígenas, afrodiaspóricas e de outros povos tradicionais, cujas cosmovisões e práticas de cuidado com a Terra poderiam enriquecer significativamente as propostas de educação climática orientada pela justiça socioambiental. Embora alguns trabalhos mencionem a necessidade de abordagens decoloniais, há ainda pouca exploração concreta dessas articulações.

Como ponto importante dessa análise, tem-se que os manuscritos evidenciam a riqueza conceitual da pedagogia freiriana para fundamentar uma educação climática que supere as limitações das abordagens hegemônicas. A tensão dialética entre distopia e utopia, mediada pelo inédito-viável, oferece um arcabouço teórico potente para mobilizar a esperança crítica e a ação transformadora diante da crise climática. A ênfase na territorialização da educação, na integração curricular crítica e no diálogo como fundamento pedagógico aponta caminhos promissores para a construção de propostas educativas que articulem conscientização, organização coletiva e transformação social.

Finalmente, a literatura analisada demonstra a potencialidade da pedagogia crítica freiriana para articular diferentes campos, como a educação ambiental, educação em saúde, educação em ciências e educação popular, em torno de um projeto comum de educação para a justiça climática, superando fragmentações disciplinares e promovendo abordagens

transdisciplinares e intersetoriais que respondam à complexidade da emergência climática contemporânea.

REFERÊNCIAS

ARKO, Benedict. Espousing hope or entrenching gloom? A critical discourse analysis of Oxfam's global inequality reports through the lens of Freire's pedagogy of hope. **Policy and Practice: A Development Education Review**, v. 41, 2025, p. 30-50. Disponível em: https://www.developmenteducationreview.com/issue/issue-41/espousing-hope-or-entrenching-gloom-critical-discourse-analysis-oxfam%E2%80%99s-global. Acesso em: 04 jan. 2026.

BRIANEZI, Thaís.; TATE, Joanne Christine Marras. Fighting for climate environmental education in Brazil: Educommunicative perspectives against the instrumentalization of human and nonhuman lives. **Frontiers in Communication**, v. 10, jul. 2025, p. 1-13. https://doi.org/10.3389/fcomm.2025.1538492

COSTA, José Ricardo Caetano, DEMIRANDA, Dandara Trentin; OLINTO, Vítor Prestes. O impacto das alterações climáticas na população em situação de vulnerabilidade social. **Revista da faculdade de direito da Universidade Federal de Uberlândia**, v. 51, n. 2, fev. 2025, p. 238-256. http://dx.doi.org/10.14393/RFADIR-51.2.2023.69504.238-256

FASSBINDER, Samuel Day. Paulo Freire and a curriculum for the Capitalocene. *In*: GKIOLMAS, A.S.; SKORDOULIS, C.D. (Org.), **Teaching in the Anthropocene: Education in the face of environmental crisis**. 2020, p. 1-14. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-50609-4_2. Acesso em: 04 jan. 2026.

FERNANDES, Rosana Cebalho; TRINDADE, Alexandre da. The conditions for building popular hegemony: Paulo Freire's 'inédito viável' and the experience of the Landless Workers' Movement (MST). **Globalisation, societies and education**, v. 22, n. 1, mai. 2023, p. 63-76. https://doi.org/10.1080/14767724.2023.2211532

FIELDS, Lorraine; DEAN, Bonnie A.; PERKISS, Stephanie; MORONEY, Tracey. Education on the Sustainable Development Goals for nursing students: Is Freire the answer?. **Nursing Inquiry**, v. 29, e12493, abr. 2022.https://doi.org/10.1111/nin.12493

FORTUNATO, Ivan; VASQUES, Fellipe Rojas; NAKAOSHI, Iury Lima. Socio-environmental complexities of the Global South: A historical, decolonial, eco-socialist and a Freirean environmental educational view. **Interdisciplinary Journal of Environmental and Science Education**, v. 18, n. 3, mai. 2022. https://doi.org/10.21601/ijese/12060

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade:** e outros escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IPCC – Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas. Climate change. **Synthesis Report**. 2023. Disponível em: https://www.ipcc.ch/report/ar6/syr/. Acesso em: 15 dez. 2025.

JANDRIĆ, Petar; MCLAREN, Peter. Postdigital cross border reflections on critical utopia. **Educational Philosophy and Theory**, v. 52, n. 3, 2020, p. 324-337. https://doi.org/10.1080/00131857.2020.1731687

KHOO, Su-ming. Response to policy and practice call on development education silences: reflections on a pedagogy of non silence – resisting the politics of hopelessness. **Policy and Practice**: A Development Education Review, v. 39, 2024, p. 145-158. Disponível em: https://www.developmenteducationreview.com/issue/issue-39/response-policy-and-practice-call-development-education-silences-reflections-pedagogy. Acesso em: 17 dez. 2025.

MEJÍA-CÁCERES, Maria Angélica; RIECKMANN, Marco. Political discourses as a resource for climate change education: Promoting critical thinking by closing the gap between science education and political education. **Sustainability**, v. 15, n. 8, 2023. https://doi.org/10.3390/su15086672

MOLL, Jaqueline; TIMM, Jordana Wruck; BERNARDI, Lucí dos Santos; KUHN, Martin. Das distopias contemporâneas às sociedades sustentáveis: possibilidades a partir de cidades educadoras. **Revista Lusófona de Educação**, v. 53, 2021, p. 47-62. https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle53.03

MORALES-DOYLE, Daniel. Putting science education in its place: the science question in social justice education. **Cultural Studies of Science Education**, v. 18, 2023, p. 81-94. https://doi.org/10.1007/s11422-023-10151-w

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. Currículo, diálogo e práticas pedagógicas. **Revista educação e cultura contemporânea**, v. 17, n. 50, 2020, p. 30-39. http://dx.doi.org/10.5935/2238-1279.20200075

PAPASTEPHANOU, Marianna. Needing 'Tomorrow as Fish Need Water': Dystopia, Utopia, and Freire's Pedagogy. **Interchange**, v. 47, n. 1, 2016, p. 31-49. https://doi.org.10.1007/s10780-015-9270-6

RODRIGUES, Arlindo M. E. Crise socioecológica, o desafio do século XXI. **Pesquisa e Debate em Educação**, v. 36, n. 1, 2024, p. 1-22. https://doi.org/10.23925/1806-9029.36i1(65)67285

SALINAS, Iván; FERNÁNDEZ, Beatriz; JOHNSON, Daniel; BASTÍAS, Nataly. Freire's hope in radically changing times: A dialogue for curriculum integration from science education to face

the climate crisis. **Cultural Studies of Science Education**, v. 18, 2023, p. 21-39. https://doi.org/10.1007/s11422-023-10157-4

SERANTES-PAZOS, Araceli; SORRENTINO, Marcos. Diálogos em educação ambiental e clima. **Ambiente & Educação - Revista de Educação Ambiental**, v. 27, n. 2, 2022, p. 1-21. https://doi.org/10.14295/ambeduc.v27i2.14870

SLEVIN, Amanda; ELLIOTT, Roxanne; GRAVES, Rosie; BAUMBER, A.; NUTTMAN, S.; ROSS, H. Lessons from Freire: Towards a pedagogy for socio-ecological transformation. **Sustainability Science**, v. 15, 2020, p. 1917-1930.https://doi.org/10.1007/s11625-020-00832-1

VALLY, Salim. Between the vision of yesterday and the reality of today: Forging a pedagogy of possibility. **Education as Change**, v. 24, n. 1, 2020, p. 1-21.https://doi.org/10.25159/1947-9417/6984

WHITING, Kai; KONSTANTAKOS, Leônidas; MISIASZEK, Greg; SIMPSON, Eduardo; CARMONA, Luís Gabriel. Education for the Sustainable Global Citizen: What Can We Learn from Stoic Philosophy and Freirean Environmental Pedagogies?. **Education science**, v. 8, n. 4, 2018, p. 1-14.https://doi.org/10.3390/educsci8040204

COMO CITAR - ABNT

FRANCO, Leonardo Zaklikevis; SILVA, Manuela Dreyer da . (Dis)(u)topia educacional na discussão da emergência climática: Uma abordagem freiriana para justiça climática. **Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 28, n.42, *e*26043, ago./dez., 2026. https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v28.n42.5734

COMO CITAR - APA

Franco, L. Z.; Silva, M. D. da. (2026). (Dis)(u)topia educacional na discussão da emergência climática: Uma abordagem freiriana para justiça climática. Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências, *28*(42), *e*26043. https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v28.n42.5734

LICENÇA DE USO

Licenciado sob a Licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC 4.0) . Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



HISTÓRICO

Submetido: 15 de julho de 2026.
Aprovado: 12 de setembro de 2026.
Publicado: 02 de outubro de 2026.